UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CAMPUS PAULO FREIRE
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS
IPF0752 - EDUCAÇÃO, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL
AUGUSTINE MARTINS OLIVEIRA

Nós Devemos Todas ser Feministas? Transformando a afirmação em questionamento.

O vídeo We Should All Be Feminists, da palestra ministrada por Chimamanda Ngozi Adichie para o canal TED, que nos convida a uma reflexão ao mesmo tempo profunda e incrivelmente acessível sobre as desigualdades de gênero que ainda moldam nossa sociedade contemporânea. Imagine Adichie, com sua voz calorosa e firme, partindo de histórias pessoais vividas na Nigéria e em outros cantos do mundo para desvelar como o gênero não é apenas uma característica biológica, mas uma força invisível que estrutura relações sociais, expectativas e oportunidades cotidianas. Ela argumenta, com convicção e um toque de humor, que o feminismo não é uma guerra contra os homens, mas um projeto ético e social amplo, capaz de expandir as possibilidades de vida para todos. Sua narrativa entrelaça memórias pessoais, crítica afiada e leveza, revelando como normas culturais que parecem "naturais" são, na verdade, construções históricas frágeis, prontas para serem questionadas e transformadas. Um dos momentos mais impactantes da palestra surge quando Adichie desconstroi o estigma em torno da palavra "feminista". Ela conta como um amigo a rotulou assim ainda jovem, usando o termo como uma acusação velada (de certo modo, até leviana). Esse exemplo de sua vida a faz refletir sobre o imaginário negativo que cerca o feminismo: imagens de mulheres raivosas, infelizes ou "anti-homem". Para subverter isso, ela se declara uma "feminista feliz", uma escolha não casual, mas profundamente política. Essa autodefinição desloca o feminismo de um rótulo ideológico carregado de preconceitos para uma postura ética cotidiana, uma defesa da dignidade humana e da justiça social que qualquer um pode abraçar.

Adichie ilumina o sexismo com exemplos do dia a dia que nos fazem pausar e repensar o óbvio. Lembra-se de quando, na escola, um menino foi eleito monitor da turma só por ser homem, mesmo ela tendo a melhor nota? Ou da vez em que um manobrista agradeceu a um amigo masculino pela gorjeta que ela havia dado? Essas cenas, tão comuns e aparentemente inofensivas, expõem como a sociedade atribui poder econômico, autoridade e liderança ao masculino por reflexo. A autora usa essas narrativas para mostrar que o sexismo não mora só em leis ou instituições grandiosas, mas infiltra-se nas interações mais banais, reforçando hierarquias de gênero de forma sutil e persistente.

Outro eixo central é a socialização diferenciada de meninas e meninos, um processo que Adichie descreve com sensibilidade e precisão. Meninas são moldadas para serem agradáveis, modestas e conciliadoras, aprendendo desde cedo a diminuir suas ambições para

não "ameaçar" os homens. Meninos, por outro lado, são encorajados a exibir força, competição e autocontrole emocional. Essa rigidez cultural da masculinidade, alerta ela, machuca os próprios homens, limitando sua liberdade emocional e a capacidade de relações igualitárias e autênticas. O feminismo, nesse prisma, emerge como um bálsamo universal: liberta as mulheres de expectativas sufocantes e permite que os homens transcendam modelos tóxicos, ampliando a humanidade de todos. A pressão sobre o casamento ganha destaque como um jugo cultural persistente. Adichie observa, com ironia, como o sucesso de uma mulher ainda é medido pelo anel no dedo, solteiras são vistas como "incompletas" ou fracassadas, enquanto homens solteiros escapam desse escrutínio. Essa visão orienta a vida feminina para agradar expectativas masculinas, reduzindo mulheres a acessórios. Questionar isso, defende ela, é o caminho para relações equilibradas, onde o valor de uma mulher não dependa de marido ou filhos, mas de sua própria “força” (não achei tradução livre melhor que essa). Não menos crucial é a crítica à culpabilização das vítimas, Adichie aborda agressões sexuais e assédio com firmeza, denunciando como a cultura transfere a responsabilidade para as mulheres, pela roupa, pelo jeito de falar, pelo simples existir. Essa lógica perversa naturaliza a opressão e controla a liberdade feminina.

A autora clama por uma virada narrativa: responsabilizar os agressores, não as vítimas, e desmantelar um sistema que perpetua o silêncio e o sofrimento. E com isso, Adichie nos presenteia com uma visão dinâmica da cultura, muitas discriminações se escondem atrás de "tradições imutáveis", mas ela rebate: a cultura é viva, mutável, e o que parece eterno muitas vezes é recente e arbitrário, se um costume gera desigualdade, ele deve ser revisto. Incluir mulheres plenamente na esfera social, política e econômica não é um luxo, mas a base de uma sociedade justa e vibrante, essas ideias ecoam em obras como Americanah, onde Ifemelu navega identidade, raça, migração e gênero, ou Half of a Yellow Sun, ambientado na Guerra de Biafra, que disseca poder, memória e desigualdades. Em todos os gêneros, Adichie tece cultura, política e identidade na trama humana.

Essas perspectivas teóricas ganham vida nas obras de Adichie, como em Hibisco Roxo, (que li por conta de uma oficina que apliquei no CPM), e essa obra me transpassou com um aperto no peito, acompanhando Kambili em sua jornada de silêncios impostos pelo pai autoritário, um católico fanático que usa fé e violência para domar as mulheres da família. O romance, ambientado na Nigéria instável, entrelaça gênero com religião e trauma colonial, revelando como o patriarcado familiar microcosmo reflete opressões sociais maiores, ecoando Butler na performatividade do gênero sob coação religiosa. Ao devorar suas páginas, senti a urgência feminista de Adichie: libertar não só Kambili, mas todos de lares que asfixiam a autonomia. bell hooks (ela gosta que seu nome se escreva minúsculo), em Não Sou uma Mulher, aprofunda essa crítica com uma clareza cortante que me marcou na leitura recente, insistindo que o feminismo é para todo mundo, homens incluídos, como ferramenta contra o patriarcado que aprisiona a todos.

Ela desmascara o "feminismo branco e elitista", clamando por uma versão interseccional que abrace raça, classe e sexualidade, um chamado que ressoa na palestra de Adichie, expandindo-a para além do gênero isolado. Como leitor, admirei como hooks transforma teoria em prática acessível, questionando masculinidades tóxicas e convidando à solidariedade coletiva, alinhando-se perfeitamente às narrativas cotidianas da nigeriana. Academicamente, suas reflexões dialogam com Judith Butler, para quem o gênero é

performativo, uma repetição de normas culturais, e Raewyn Connell, que mapeia masculinidades hierarquizadas como pilares de poder. Essas lentes teóricas ancoram as anedotas de Adichie, provando que o pessoal é político e reflete estruturas macrosociais.

Foi uma surpresa admirável a escolha da professora e poder "reassistir" essa palestra (que inclusive está nas referências do meu projeto do meu trabalho de conclusão de curso), a palestra de Adichie é uma intervenção luminosa no debate sobre gênero. Mesclando autobiografia e análise, ela desnuda normas banais que geram abismos profundos. Seu feminismo convoca todos nós (independente do gênero ou orientação sexual) a um mundo onde meninas e meninos cresçam livres de amarras, florescendo em plenos potenciais humanos, uma visão simples, radical e urgente para a transformação coletiva.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, C. N. *Hibisco roxo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, C. N. *Meio sol amarelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Half of a Yellow Sun).

ADICHIE, C. N. *Não sou uma mulher preta: um manifesto feminista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (Texto expandido de We Should All Be Feminists).

ADICHIE, C. N. *We should all be feminists*. TEDxEuston, 2012. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists. Acesso em: 16 mar. 2026.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CONNELL, R. W. *Masculinidades*. Rio de Janeiro: Palavra, 1999. (Tradução de Masculinities).

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: paixões, pessoas e* comunidade. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. (Feminism is for everybody).